



Gina Farina e o Príncipe de Mintz

Bastava olhar para o mapa para ver que Mintz era um lugar estranho e perigoso. Dizia-se que nenhum pássaro ali voava e que ninguém lá ia, a não ser por engano.

Mas a nossa história começa em tempos que já lá vão,
numa terra chamada Volzano.



Gina Farina, a filha do padeiro, fazia empadas maravilhosas, invulgares e esplêndidas. Algumas eram crocantes e picantes, outras levavam maçãs, uvas passas e um fino toque de marmelo. De todo o lado vinham pessoas para as comprar e elogiar a cozinheira.

Contudo, Gina Farina não lhes prestava qualquer atenção. O pai comentava:
— Esta rapariga pensa pela cabeça dela e o seu maior desejo é correr mundo.

O que era bem verdade, pois Gina contava sempre as semanas que faltavam para chegar a trupe itinerante, cujos atores narravam histórias sobre a esplêndida Ravena, conhecida pelos seus coloridos mosaicos, a extraordinária Veneza, onde as ruas eram, na realidade, canais, e a magnífica Constantinopla, à qual chamavam a cidade das joias. Gina Farina era capaz de ficar horas a ouvi-los.



— O que eu mais queria era acompanhar os atores nas suas viagens pelo mundo fora! — dizia com frequência.

— Pois a mim essa ideia parece-me bem descabida! — desabafava o pai, que achava impraticável que uma simples filha de padeiro pudesse juntar-se a uma companhia famosa.

Contudo, Gina Farina tinha ideias muito próprias e, logo que a trupe chegou a Volzano, foi ter com o responsável e disse-lhe:

— Acho que esta companhia devia ter uma boa cozinheira. Se me garantirdes uma passagem segura, senhor, podereis todos desfrutar das minhas empadas.

Eis uma rapariga corajosa, pensou o Ator-Mor. E que bela ideia podermos

desfrutar de tais iguarias na nossa jornada.

— Podes juntar-te a nós, Gina Farina! — concordou.

Em breve chegou o dia da partida e o padeiro, que acabou por fazer a vontade à filha, disse-lhe:

— Vai, se é esse o teu desejo, mas tem cuidado com uma cidade chamada Mintz. O príncipe que a governa tem muito mau feitio e castiga todos quantos lhe desagradam. *Ninguém* vai a Mintz, a não ser por engano.

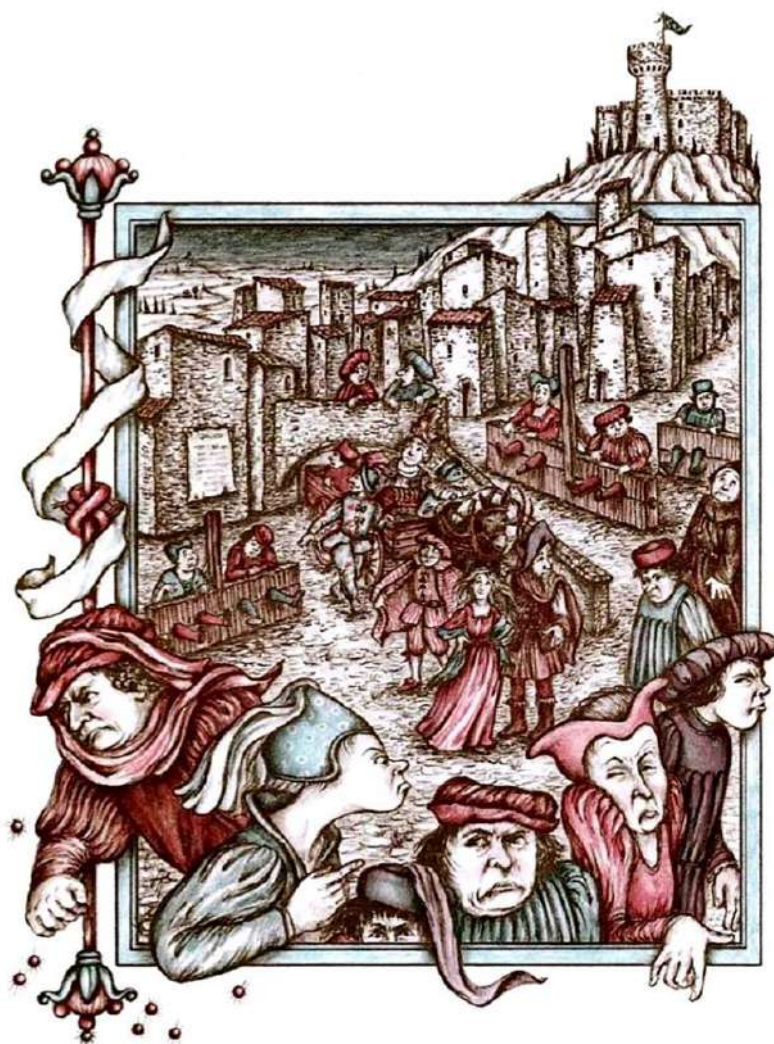
Contudo, Gina Farina pensava pela sua cabeça e não se preocupou.

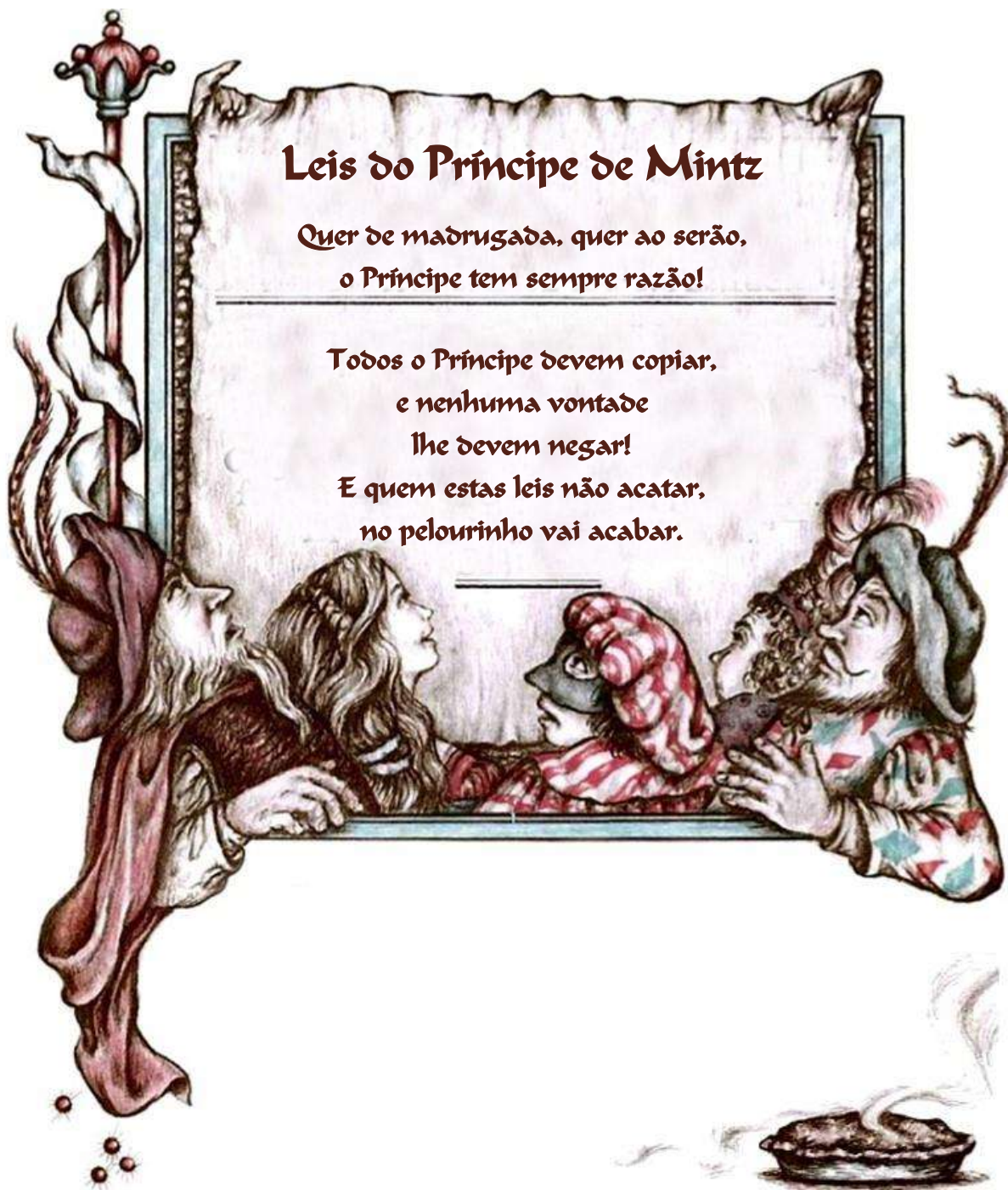
Enquanto os atores iam atuando, em cidade após cidade, Gina Farina ia confeccionando as suas suculentas, deliciosas e esplêndidas empadas. Certa noite, quando o nevoeiro estava particularmente denso, deram-se conta de que tinham chegado a uma cidade triste e cinzenta, que ficava perto de Nudelburg.

— Que pessoas tão mal-humoradas! — exclamou Gina Farina.

— Acho que chegamos a Mintz... — disse o Ator-Mor.

Todos leram o aviso afixado numa parede da praça.





Leis do Príncipe de Mintz

Quer de madrugada, quer ao serão,
o Príncipe tem sempre razão!

Todos o Príncipe devem copiar,
e nenhuma vontade
lhe devem negar!
E quem estas leis não acatar,
no pelourinho vai acabar.

O Ator-Mor estremeceu e disse:

— Ouvi dizer que, em Mintz, acontecem coisas más a quem se atrever a dizer “não” ao Príncipe.

— Que ideia mais absurda! — exclamou Gina Farina, que começou logo a tratar das empadas para o jantar.

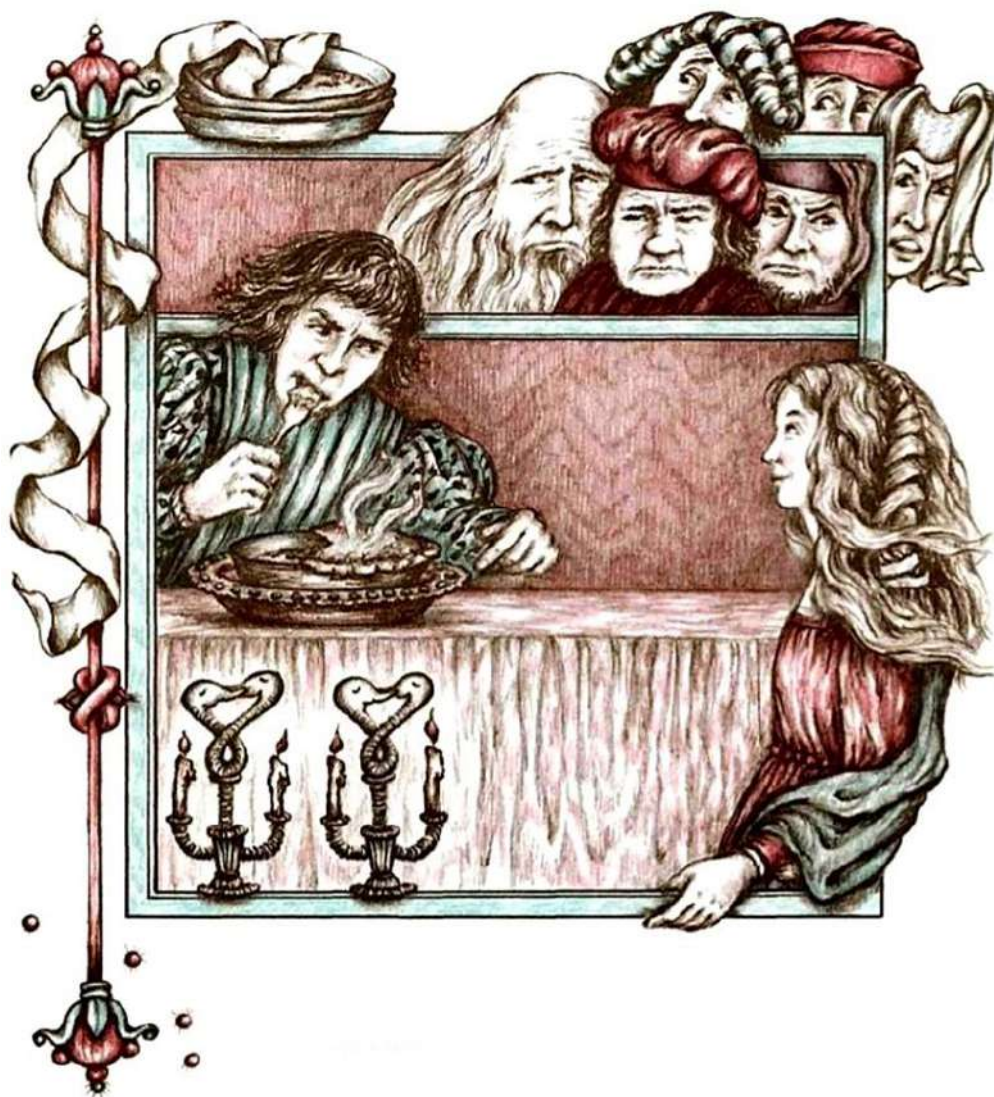
Cozeu as massas, assou as carnes, tostou as amêndoas, caramelizou os doces, e aspergiu de canela as maçãs, as uvas passas e o marmelo. Em breve a brisa levou estes cheiros deliciosos até ao Príncipe, que estava sentado, como de costume, no topo da torre do castelo.

Vicente de Mintz, Sua Alteza o Príncipe, era um homem vaidoso e vergonhosamente mal-humorado. Lutava com um ou dois dragões por mês e defendia o reino de vez em quando. A maior parte das vezes, porém, amuava no alto da sua torre e só pensava nele. O povo obedecia às suas Leis, claro, e agia como ele.

Nessa noite, Vicente deu por si a inspirar uns magníficos odores.

— Especiarias e carnes! Maçãs e marmelo! O que se estará a passar em Mintz?

Em breve, Gina Farina e cinco empadas bem quentinhas eram levadas à presença do Príncipe, por ordem deste. Vicente devorou logo três empadas e meia.



— Ora bem, vais ter de ficar no castelo e cozinhar para *mim*! — disse ele à rapariga.

Mas Gina Farina pensava pela cabeça dela e o seu coração ansiava por aventura. Fitou o Príncipe e disse-lhe:

— Agradeço-vos, mas não tenciono fazê-lo.

Vicente exclamou, numa voz de trovão:

— *Vais ficar no castelo e cozinhar para mim!*

— Que ideia mais absurda! — riu Gina Farina. — Eu vou mas é conhecer mundo!

Agora, se me dais licença...

Enquanto a rapariga regressava à cidade para acabar de fazer as empadas para o jantar, Vicente dava largas à sua raiva, no alto da torre. E como, em Mintz, todos faziam o que fazia o Príncipe, a cidade inteira comungava da mesma emoção.

— Como se *atreve* ela a dizer-me que não? Tem de ser castigada! — fumegava Vicente.

Em seguida, mandou chamar os seus Sábios Conselheiros.

— Se a pusermos no pelourinho, não vai haver empadas para Vossa Alteza. É melhor dar-lhe três oportunidades para mudar de opinião.

— Pois, pois — concordou o Príncipe.

Os Sábios Conselheiros continuaram:

— Vossa Alteza deve tentar *persuadir* a donzela, pois as empadas seriam bem amargas se a padeira estivesse a ferros.

— Pois, pois — concordou de novo o Príncipe. — Tendes de arquitetar um plano.

O que os conselheiros logo fizeram, claro.

— Agora é que vou apanhá-la! — jurou Vicente.

 Príncipe disfarçou-se de pastor de Boppen-on-Lintz e tudo fez para se cruzar com Gina Farina.

— Bom dia, Pastor! — saudou a rapariga quando o viu.

Enquanto passeavam ambos pela montanha, o pastor declarou:

— De sete em sete anos, o fruto destas árvores tem uma doçura tão rara que as pessoas nunca mais a esquecem por muito que vivam. É justamente o que acaba de acontecer! Tenho a certeza de que vais ficar entre nós e fazer empadas para o nosso belo Príncipe!

— Que ideia mais absurda! Eu vou mas é conhecer mundo! — declarou Gina Farina.

Em seguida, olhou o pastor nos olhos e disse:

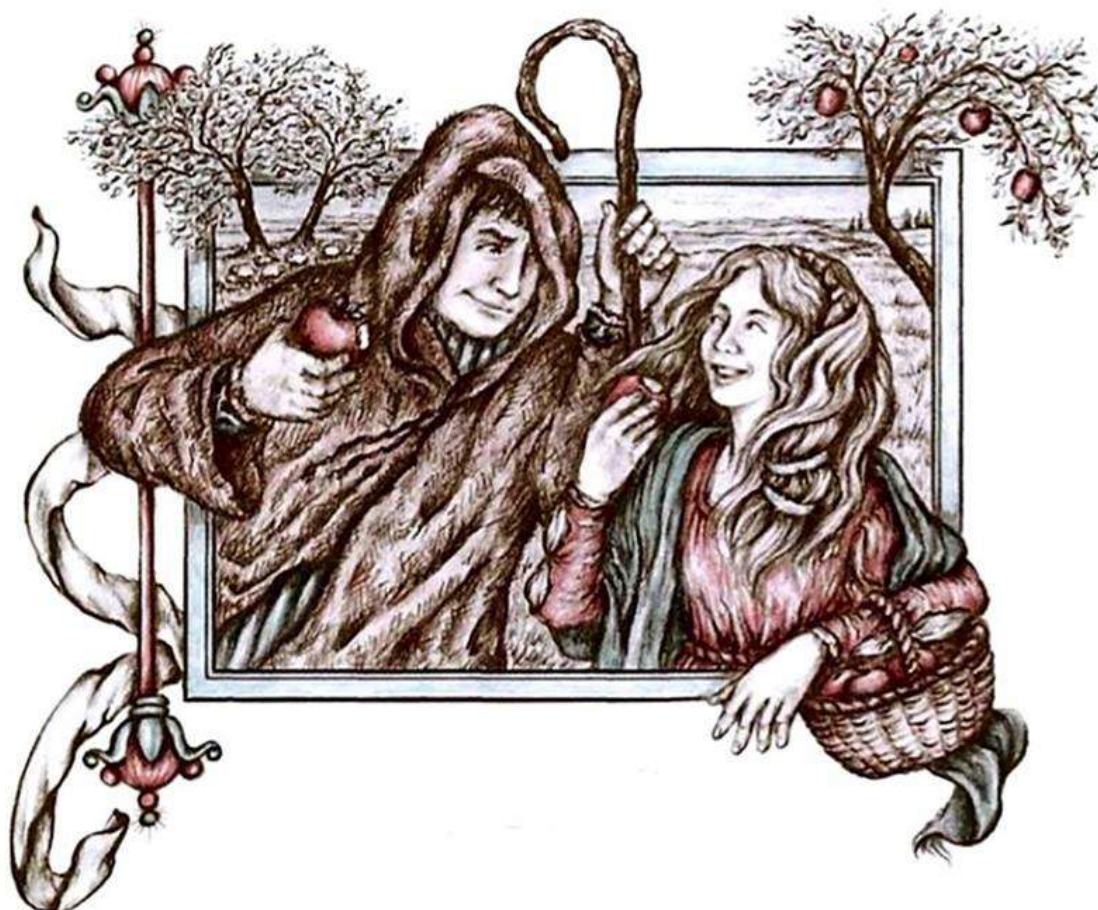
— Tenho é pena do Príncipe...

— E porquê, pode saber-se? — perguntou Vicente, mal-humorado.

— Porque o coração de um homem tão maldisposto vai acabar por se transformar em pedra. Não concordais comigo?

As palavras de Gina Farina ficaram a pairar no ar por muito tempo.

De volta ao castelo, Vicente passava as noites a amuar e os dias a barafustar. E como, em Mintz, todos faziam o que fazia o Príncipe, a cidade inteira comungava das mesmas emoções.



— A rapariga tem mais duas oportunidades para mudar de ideias — declararam os Sábios Conselheiros, pegando numa bolsa cheia de truques de magia.

— É desta que vou enganá-la! — murmurou Vicente.

E lá partiu ele, disfarçado de mercador de Constantinopla. Quando se cruzou com Gina Farina, esta saudou-o:

— Bom dia, Mercador!

Enquanto caminhavam juntos até ao mercado, o homem disse:

— Ouvi dizer que um nobre Príncipe vos dará pérolas, rubis e vestidos feitos com asas de dragões se aceitardes ficar na cidade e cozinhar para ele.

— Que ideia mais absurda! — riu Gina Farina. — Quem quer vestidos feitos de asas de dragões? Eu quero é conhecer o mundo!

Em seguida, olhou o mercador nos olhos e disse:

— Tenho é pena do Príncipe...

— Que eu saiba, não há nada de errado com o Príncipe! — trovejou Vicente.

Gina Farina limitou-se a rir.

— Temo que o seu coração venha a secar como uma ameixa, se continuar a amuar dia e noite naquela torre. Não concordais comigo?

O riso de Gina Farina ecoou no ar enquanto ela se ia embora a dançar.

A vida tornou-se impossível para todos quantos viviam no castelo e na cidade.

— Só lhe resta mais uma oportunidade — declararam os Sábios Conselheiros, que tinham um plano especial em mente.

— É desta que vou convencê-la! — disse Vicente.



E lá partiu ele, disfarçado de garboso ator itinerante. *Nunca me senti tão esbelto*, pensou orgulhoso. Mas, quando se cruzou com Gina Farina, esta nem sequer lhe prestou atenção, pois estava muito triste. O Príncipe ficou espantado com a tristeza dela.

— Porque estás tão triste? — perguntou.

— Porque o nosso Ator-Mor está doente e não temos quem o substitua. Quando, hoje à noite, as pessoas vierem ver as peças, não vão poder assistir a nenhuma.



O suspiro de Gina Farina ecoou no coração do Príncipe.

Quem me dera conseguir fazê-la sentir melhor, pensou Vicente, que não sabia o que fazer, pois nunca um tal pensamento lhe passara pela cabeça.

— Pergunto-me, senhor, se poderíeis ajudar-nos... — disse Gina Farina, olhando-o nos olhos.

— Ora bem, talvez possa... — disse Vicente.

— Tenho a certeza de que desempenhareis o vosso papel de forma magnífica!

— exclamou Gina Farina.



A verdade é que a atuação do Príncipe foi uma autêntica revelação. Até ter ficado preso numa asa de dragão.

— Ora, ora! — bradou Vicente, enquanto tropeçava e deixava cair a máscara, que rolou pelo palco fora.

As pessoas arquejaram.

— É o Príncipe!

— É mesmo o Príncipe!

— Aquele ator é mesmo o Príncipe de Mintz!

Feliz, prestável, e nada detestável, Sua Alteza estava a *divertir-se* como nunca! E já sabem como é em Mintz... As pessoas fazem o que faz o Príncipe!

Gina Farina perguntou a Vicente:

— Vossa Alteza, não será agora tempo de abolir as leis de Mintz?

— Acho que é uma excelente ideia! — concordou o Príncipe, que logo rasgou o aviso que afixara na praça.

— E eu acho que, afinal, vós sois uma excelente pessoa! — riu Gina Farina.



Durante muitos dias e noites, a cidade celebrou como nunca o fizera antes. Até que chegou o dia apazado para a partida de Gina Farina.

— Lamento que tenhas de partir — disse o Príncipe.

A rapariga explicou:

— A trupe tem de se fazer à estrada e eu tenho um mundo inteiro à minha espera...

Em seguida, olhou Vicente nos olhos e convidou:

— Porque não vindes connosco? Seria tão bom...

O Ator-Mor concordou:

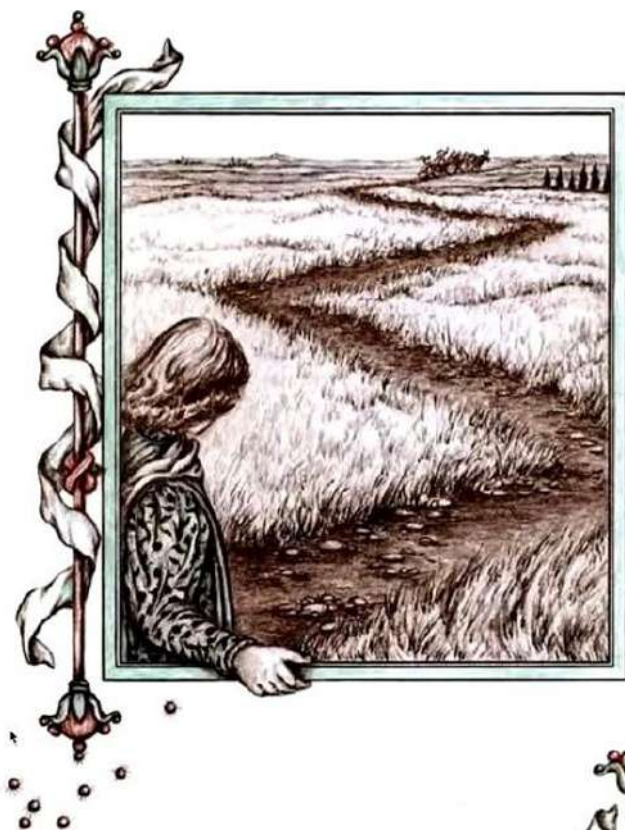
— Ficáramos muito honrados com a presença de Vossa Alteza.

O Príncipe olhou para os dois e disse:

— E bem que gostaria de fazê-lo. Contudo, preciso de estar onde está o meu povo.

— Viva! — bradaram os cidadãos de Mintz.

Os Sábios Conselheiros sorriram. E Gina Farina também sorriu.



A sua viagem levou-a a aventuras maravilhosas em Veneza, Ravena e Constantinopla, bem como a outros lugares que nunca sonhara ver.

Mas, uma vez em cada sete anos, quando o fruto das árvores de Mintz tinha uma doçura rara, a trupe regressava à cidade e o ar enchia-se de odores magníficos de especiarias, carnes, maçãs e marmelo...



Então, Gina Farina e Vicente riam juntos de novo, e o som da sua alegria tinha uma doçura tão rara que o povo nunca mais a esqueceu.

Nancy Patz
Gina Farina and the Prince of Mintz
Harcourt Childrens Books; 1986
(Tradução e adaptação)

Gina Farina e o Príncipe de Mintz

- 1. Quem é Gina Farina, e que traços da sua personalidade te parecem mais marcantes?**
- 2. Que papel desempenhava a trupe itinerante na vida dela?**
- 3. O Príncipe de Mintz, Vicente, mandou afixar as suas leis na praça da cidade. O que revelam elas sobre o seu carácter?**
- 4. As emoções do príncipe afetavam todo o povo. Como se traduzia essa influência?**
- 5. Que sentido atribuis à frase que a filha do padeiro repete diversas vezes ao longo da narrativa?**
- 6. Vicente tentou enganar Gina três vezes. O que achas que aprendeu com cada tentativa falhada?**
- 7. A recusa de Gina em ficar em Mintz é um ato de rebeldia ou de liberdade? Justifica com exemplos do texto.**
- 8. O que revela o reencontro de Gina e Vicente “uma vez em cada sete anos”?**
- 9. A narrativa mostra que o príncipe só muda quando começa a olhar para os outros com empatia. Achas que as pessoas podem realmente mudar quando compreendem melhor as necessidades e sentimentos dos outros? Porquê?**
- 10. O que significa, para ti, “pensar pela própria cabeça”, e por que razão é tão importante fazê-lo? Fundamenta a tua resposta.**